

# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

## UMA ABORDAGEM FEMINISTA NA POESIA DE LUIZA NETO JORGE

Carolina Alves Ferreira de Abreu (UFAM)<sup>1</sup>

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho propõe-se fazer um estudo direcionado à abordagem do corpo da mulher em consonância ao corpo da escrita, na poesia da portuguesa Luiza Neto Jorge, através da análise de dois poemas intitulados “Canção para o dia igual” e “Na cabeça tem cabelos”. Essa proposta tem como objetivo considerar a corporeidade do poema enquanto forma de representação do corpo feminino. Nessa relação, o corpo feminino, enquanto elemento perpassado por agentes históricos e sociais, projeta-se como um lugar de um lado politicamente regulado, sob a hierarquia de gênero, e de outro marcado pelas formas de resistência. Este estudo faz parte, ainda, da pesquisa em andamento de mestrado, desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**PALAVRAS-CHAVES:** Canção para o dia igual; Na cabeça tem cabelos; Feminismo; Corpo.

**ABSTRACT:** This article proposes a study directed to the approach of the woman's body in consonance with her text structure, in the poetry of the Portuguese poetess Luiza Neto Jorge, through the analysis of two poems entitled “Canção para o dia igual” e “Na cabeça tem cabelos”. This proposal aims to consider the corporeality of the poem as a way to represent female body. In this relation, the female body, as an element permeated by historical and social agents, is projected as a place politically regulated, under the gender's hierarchy, and also marked by the forms of resistance. Also is part of a study related to Master of Science (MSC) developed by Programa de Pós-graduação em Letras in Universidade Federal do Amazonas, with a scholarship provided by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**KEYWORDS:** Canção para o dia igual; Na cabeça tem cabelos; Feminism; Body.

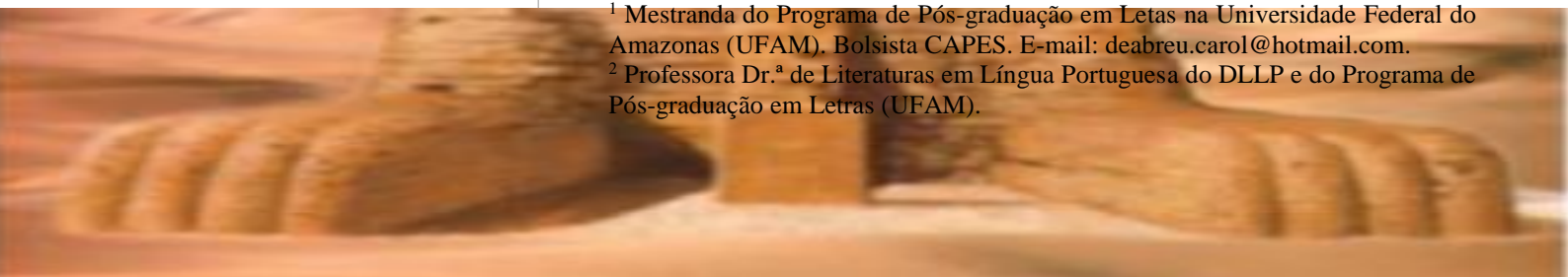
### PREÂMBULO

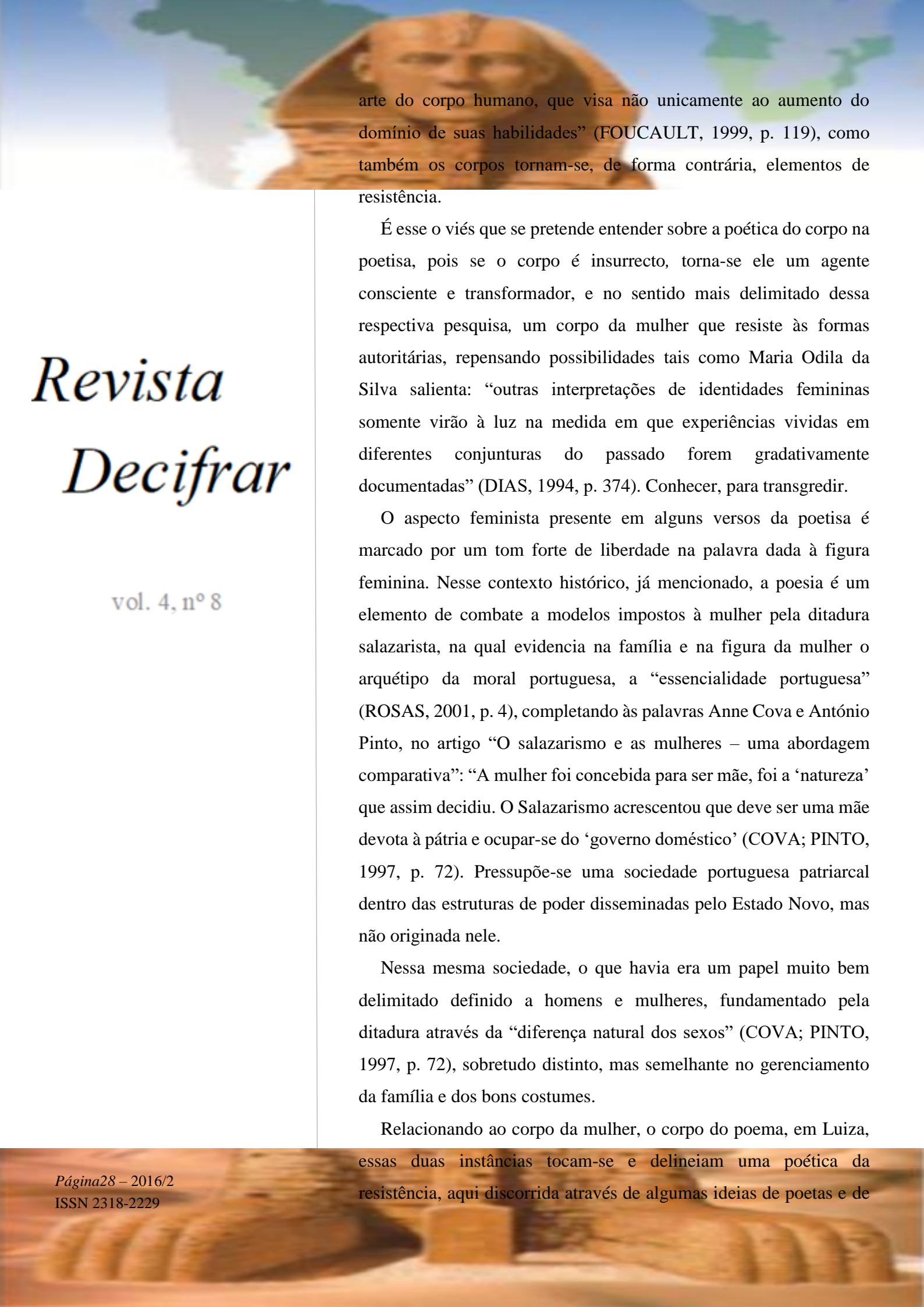
Falar sobre Luiza Neto Jorge é ter em mãos uma tarefa árdua e não menos cativante a se fazer nessa constante relação em que sua obra insere-se. De um lado, a palavra enfatizando, contestando e recriando o mundo; de outro, “onde já a minha sombra / é um traço de alarme” (JORGE, 2001, p.57). Nesse movimento no qual a experiência de ser mulher mistura-se na presença do poema, a

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista CAPES. E-mail: deabreu.carol@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Dr.<sup>a</sup> de Literaturas em Língua Portuguesa do DLLP e do Programa de Pós-graduação em Letras (UFAM).





# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

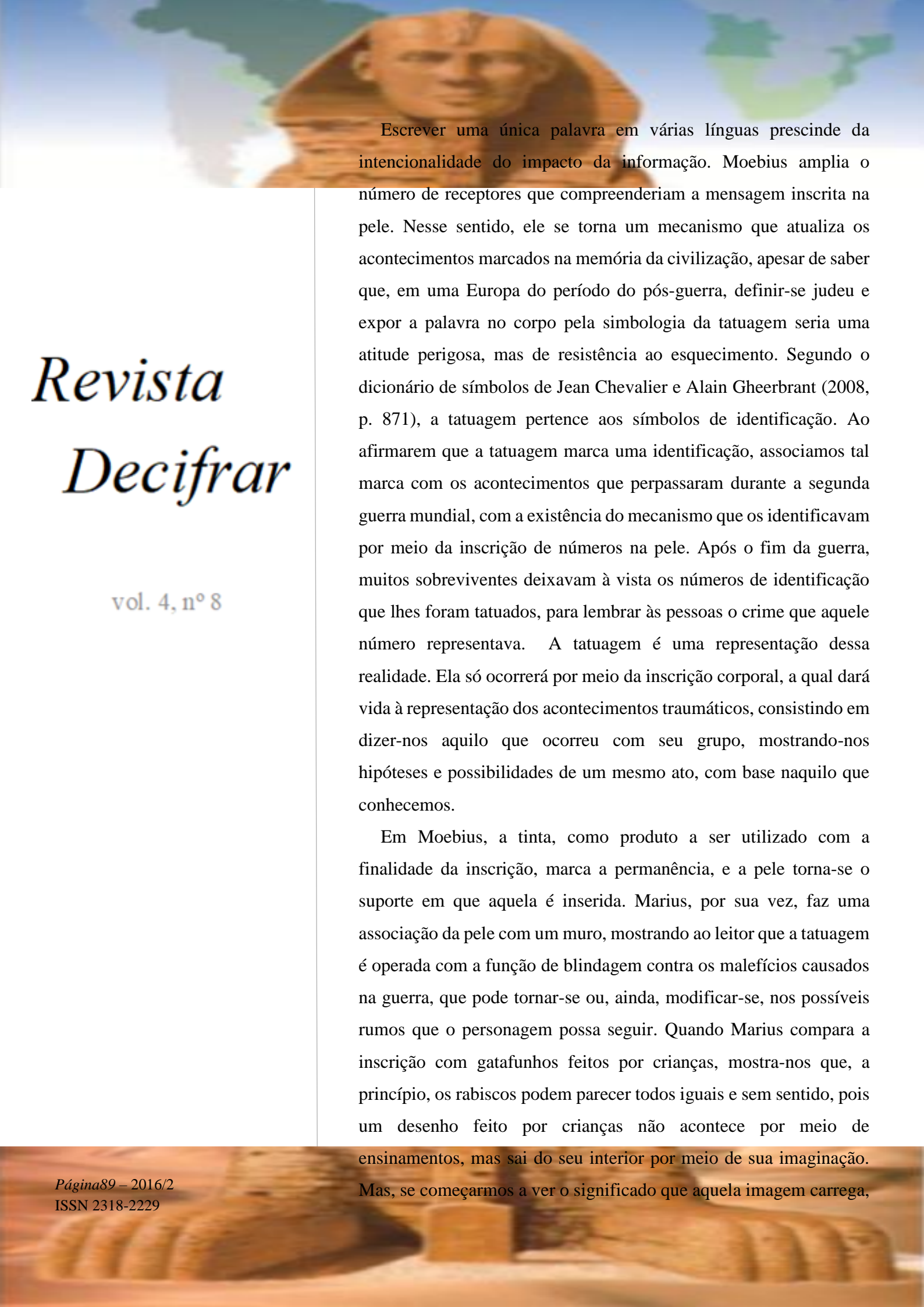
poetisa torna-se uma artista essencialmente importante em Portugal da década de 60. Rosa Maria Martelo, uma de suas críticas portuguesas literárias acrescenta: “Luiza Neto Jorge não podia saber que a poesia portuguesa se aproximava de um momento de cintilação muito particular, que passaria por uma fortíssima consolidação das grandes linhas fundadoras da poesia moderna” (MARTELO, 2008, p. 9). Década essa de efervescente movimento literário, como *Poesia 61*<sup>3</sup>, ao qual fez parte propondo novos olhares à criação da poesia e consequentemente ao mundo caótico que foi o século XX, pressupondo as formas ditatoriais vigentes em Portugal.

Em um sistema essencialmente patriarcal e ditatorial, Portugal viveu o século XX marcado pelo Estado Novo durante 41 anos, instaurado por António Salazar. Sua visão nacionalista e efetivamente hegemônica sugeria “um projecto totalizante de reeducação dos «espíritos», de criação de um novo tipo de portuguesas e de portugueses regenerados pelo ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador” (ROSAS, 2001, p. 1032). Uma espécie de mito do recomeço àquele Portugal desbravador. Outro ponto essencial das ideias salazaristas consiste no poder da religião católica como motivador da conduta na sociedade portuguesa, o que torna essa realidade religiosa vinculada à definição de nacionalidade: “A ordem nova, com os seus conceitos dominantes de autoridade e de nação, só se compreende admitindo uma ordem superior” (ROSAS, 2001, p. 1036). Deus faz-se presente na prática religiosa e política, formas indissociáveis na conduta autoritarista de Salazar.

A poética de Luiza Neto Jorge surge na conjunção ditatorial como um elemento de resistência, experimentando as formas, partindo do

---

<sup>3</sup> Não se sabe definir concisamente o que foi Poesia 61, mas sim a união de cinco jovens poetisas e poetas, os quais Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta, Fiamma Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz e Casimiro de Brito faziam parte. Estes tinham como empenho refazer de um lado os caminhos literários através do experimento estético, sugerindo a leitura do poema em uma dimensão múltipla, desviante, naquilo que a linguagem poética moderna permite; e de outro, questionar as motivações sociais, implicando a escrita como denúncia e como resistência a toda forma de opressão humana.



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

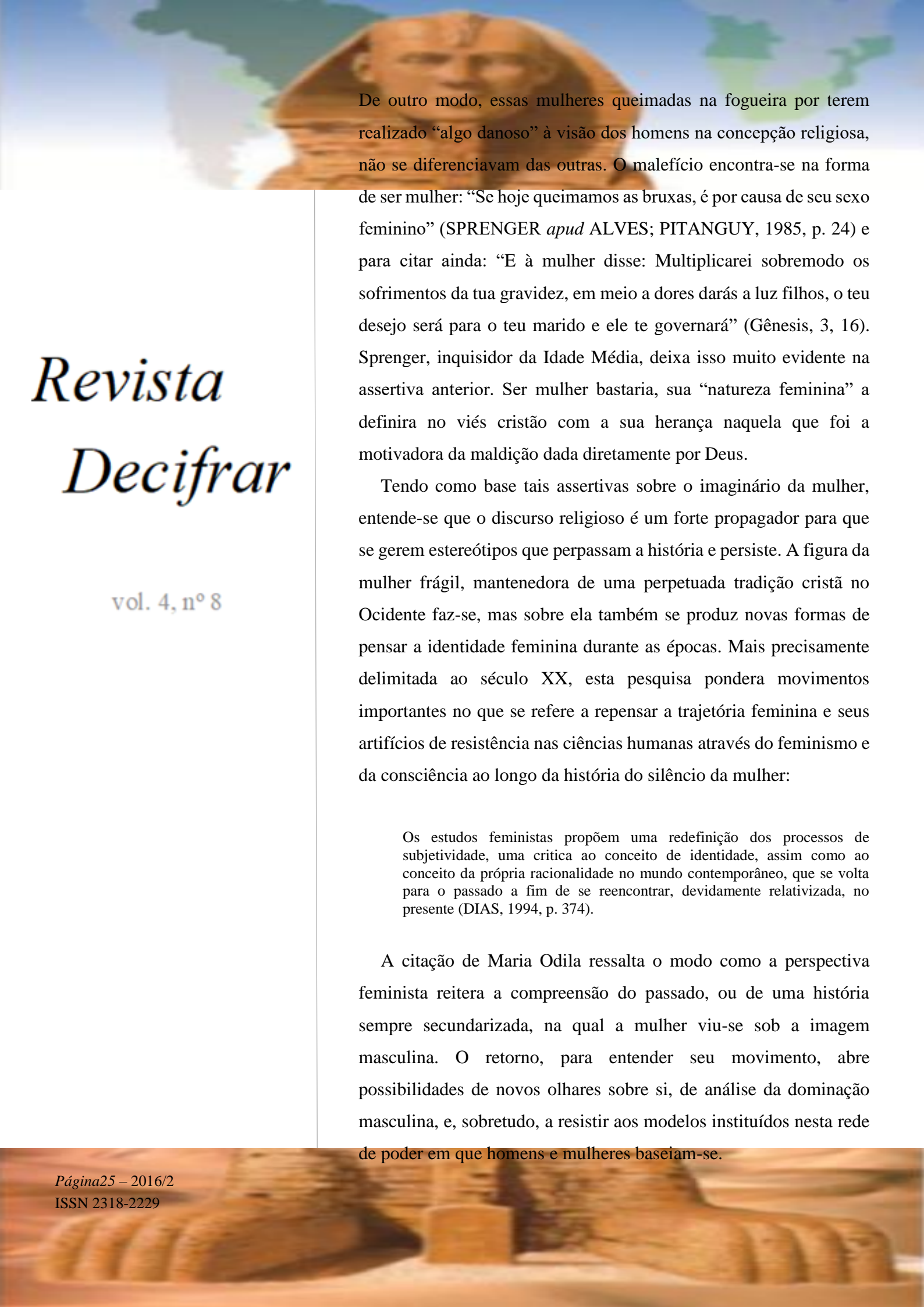
texto e suas nuances, para o modo de refletir e modificar o espaço autoritarista vivenciado pela sociedade portuguesa. Constitui-se uma literatura bem construída estruturalmente, mas também engajada enquanto forma de arte, para citar novamente Maria Martelo: “A escrita de Luiza Neto Jorge constitui-se, continuamente, como uma escrita de resistência e de exigência de um mundo outro. Mas raramente ela o diz abertamente porque, em lugar de o dizer, prefere ser performativa” (MARTELO, 2008, p. 15) com aquilo que a escrita da poetisa traz de desordem no sentido de desestruturar ao mesmo tempo as leis da gramática e do autoritarismo presente em seu tempo.

Em meio à turbulência da ditadura, das formas no tempo como se propagam os ideais patriarcais, esse corpo histórico presenciado por Luiza atravessa ao mesmo tempo o corpo da mulher, delimitado como objeto de estudo neste artigo, e mais especificamente nos dois poemas que se delimitaram observar. O que se deseja traçar é uma análise sob a perspectiva feminista através de algumas ideias que foram delineadas para que a análise dos poemas se fizesse mais compreensível. Este artigo fundamenta-se, ainda, através de um pequeno movimento sob algumas considerações acerca do feminismo e do criticismo literário feminista, para considerar a literatura como elemento de significação na temática da condição feminina.

## UM BREVE PERCURSO FEMINISTA

Este tópico pretende de forma breve traçar um histórico das formas de dominação e de resistência, ou melhor dizendo, das formas como se pode vir a definir a perspectiva feminista no século XX. Antes, é preciso situar o feminismo como uma realidade de complexa definição, posto que esse se atrela a constante busca pelas formas de libertação do patriarcado, mas também se fundamenta sob contradições, progressos e modificações evidenciadas junto às instâncias que o perpassam. Não significa que o movimento feminista caracteriza-se desorganizadamente. Pelo contrário, amplia-se na sua forma de repensar e recriar as identidades femininas sob a hierarquia masculina em sua forma visível e invisível de se estabelecer.





# Revista Decifrar

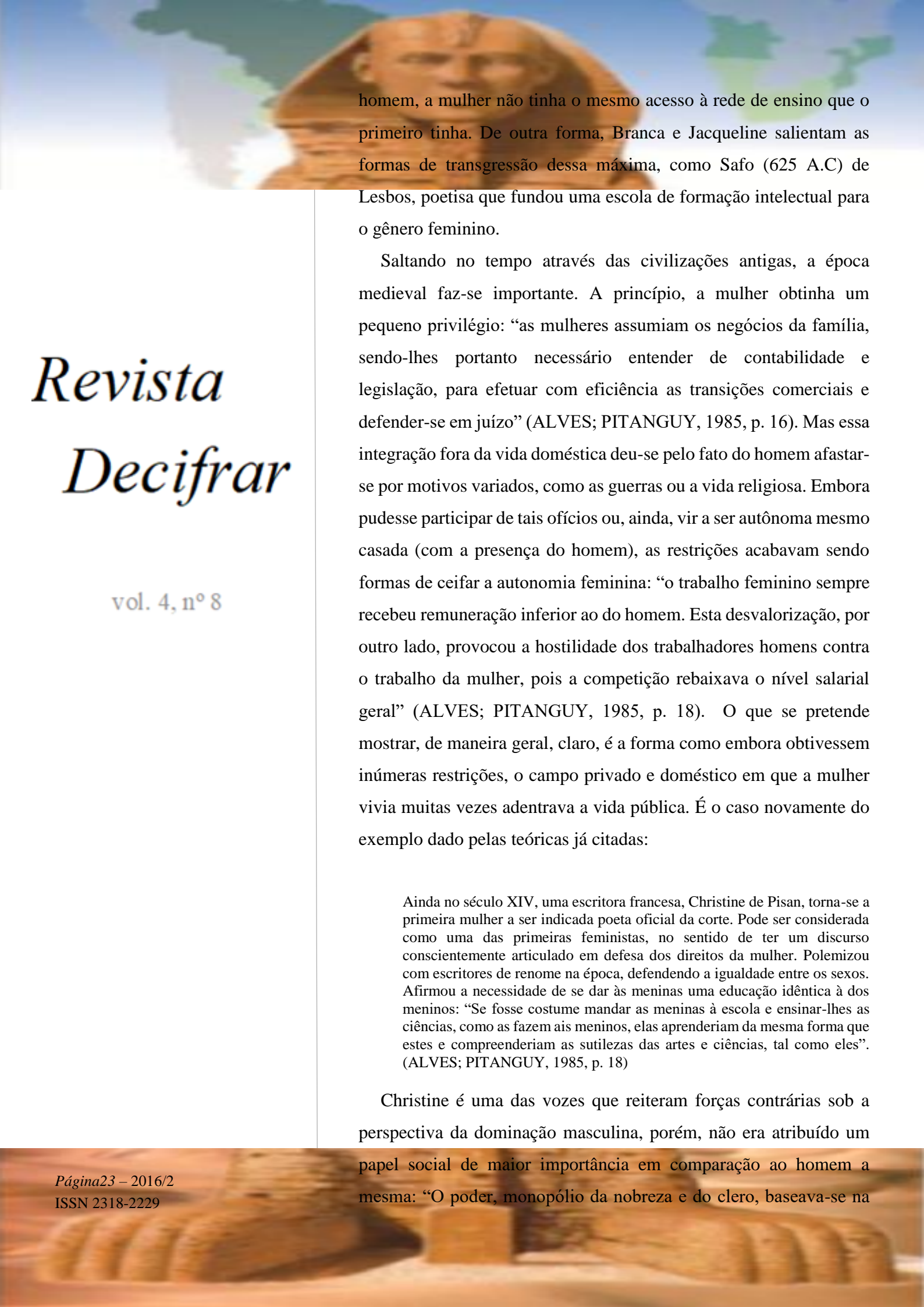
vol. 4, nº 8

O termo feminismo reitera uma definição longe de ser ela única – daí novamente a complexidade e o cuidado com o termo. A experiência vivida por uma mulher branca, por exemplo, faz-se diferente da experiência vivida por uma mulher negra, e essa evidência revela não somente um aspecto do feminismo – por que não feminismos? –, como ainda as variadas formas de movimento que têm surgido para não torná-lo homogêneo. De outro modo, este artigo focará naquilo que se pretende: o domínio masculino, o itinerário feminista, a forma de resistência perante a força de uma história que nunca foi a da mulher.

Atentos agora ao fato de que não há concisamente uma resposta clara ou concluída, este tópico salienta observações, embora breves, dos embates e exercícios do feminismo durante seu processo de difusão na história, perante um legado silencioso. Para ajuda neste trajeto, o livro intitulado *O que é feminismo*, de Branca Alves e Jacqueline Pitanguy (1985), aborda a sujeição da mulher diante das épocas marcadas pela força masculina, mas também pelo embate.

O trabalho teórico das autoras delinea a condição da mulher desde os tempos gregos até as formas mais contemporâneas no século XX. Na Grécia Antiga, a mulher “ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão somente estas executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 11), definindo livre a categoria masculina e as demais (mulher, escravo e estrangeiro) como excluídas da vivência ateniense. Desenvolve-se uma espécie de divisão hierárquica nas práticas: as atividades nobres, destinadas ao homem, como a filosofia, a arte e a política; as atividades ligadas “à subsistência do homem” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 12), designadas às mulheres, mas ainda a procriação da espécie humana e o cuidado com os filhos e filhas.

A história das mulheres em Atenas leva à compreensão de uma vida que foge da esfera pública, restringindo-a à vida doméstica, enquanto “era ela excluída do mundo do pensamento, do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 12). Ao contrário do papel intelectual do



# Revista Decifrar


vol. 4, nº 8

homem, a mulher não tinha o mesmo acesso à rede de ensino que o primeiro tinha. De outra forma, Branca e Jacqueline salientam as formas de transgressão dessa máxima, como Safo (625 A.C) de Lesbos, poetisa que fundou uma escola de formação intelectual para o gênero feminino.

Saltando no tempo através das civilizações antigas, a época medieval faz-se importante. A princípio, a mulher obtinha um pequeno privilégio: “as mulheres assumiam os negócios da família, sendo-lhes portanto necessário entender de contabilidade e legislação, para efetuar com eficiência as transições comerciais e defender-se em juízo” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 16). Mas essa integração fora da vida doméstica deu-se pelo fato do homem afastar-se por motivos variados, como as guerras ou a vida religiosa. Embora pudesse participar de tais ofícios ou, ainda, vir a ser autônoma mesmo casada (com a presença do homem), as restrições acabavam sendo formas de ceifar a autonomia feminina: “o trabalho feminino sempre recebeu remuneração inferior ao do homem. Esta desvalorização, por outro lado, provocou a hostilidade dos trabalhadores homens contra o trabalho da mulher, pois a competição rebaixava o nível salarial geral” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 18). O que se pretende mostrar, de maneira geral, claro, é a forma como embora obtivessem inúmeras restrições, o campo privado e doméstico em que a mulher vivia muitas vezes adentrava a vida pública. É o caso novamente do exemplo dado pelas teóricas já citadas:

Ainda no século XIV, uma escritora francesa, Christine de Pisan, torna-se a primeira mulher a ser indicada poeta oficial da corte. Pode ser considerada como uma das primeiras feministas, no sentido de ter um discurso conscientemente articulado em defesa dos direitos da mulher. Polemizou com escritores de renome na época, defendendo a igualdade entre os sexos. Afirmou a necessidade de se dar às meninas uma educação idêntica à dos meninos: “Se fosse costume mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como as fazem ais meninos, elas aprenderiam da mesma forma que estes e compreenderiam as sutilezas das artes e ciências, tal como eles”. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 18)

Christine é uma das vozes que reiteram forças contrárias sob a perspectiva da dominação masculina, porém, não era atribuído um papel social de maior importância em comparação ao homem a mesma: “O poder, monopólio da nobreza e do clero, baseava-se na



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

posse da terra e na ascendência espiritual” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 20), construía-se à figura masculina, na Idade Média.

Ainda na mesma época, um acontecimento virá a abater a figura da mulher de forma veementemente violenta: “a caça às bruxas”. Através de uma civilização judaico-cristã muito forte nesse século vivido, essa parte da história é fundamental para compreender um pouco mais o estigma de ser mulher. Pensar nessa concepção religiosa traz à tona duas personagens importantes: Adão e Eva. Adão como “imagem e semelhança” de um Deus masculino, e Eva como um ser originário da costela de Adão. De essência terrena, Eva passa a ser aquela que torna o paraíso uma forma humana e não mais em contato harmônico com o espírito, o Deus (masculino).

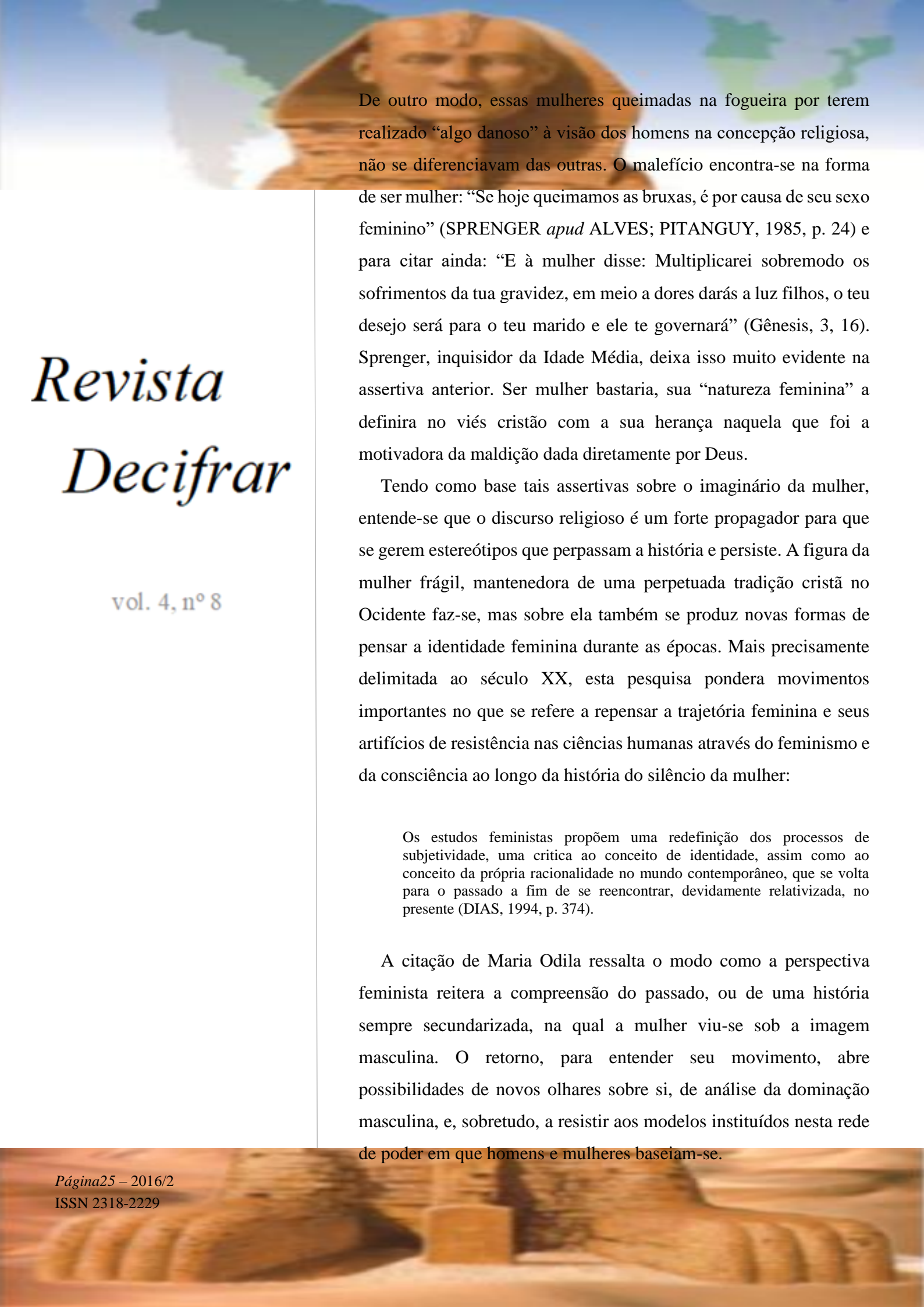
A história do conhecimento na filosofia ocidental estabeleceu-se na perspectiva do espírito, em detrimento do corpo e da terra, daí a relação que se faz aqui ao interior feminino à compreensão terrena, então desvalorizada.

Tendo explicitado a visão da mulher sob a ótica religiosa e particularmente a Eva, aquela que no mito cristão deixou de herança a maldição do banimento do paraíso, ou das vias do espírito, da alma, continua-se o trajeto pela Idade Média: “Eva é responsável pela queda do homem, e é considerada, portanto, a instigadora do mal” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 20). É sob essa concepção, que ainda segundo Branca e Pitanguy, afirmam a propagação do estigma do sexo feminino e posteriormente sua perseguição. Mas ressaltam ainda o motivo:

Existe, nessa perseguição às “feiticeiras”, um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 21)

A perseguição às mulheres torna-se mais evidente quando o discurso médico, como uma organização masculina, agrupa-se ao discurso religioso já propagado e assimila os supostos conhecimentos relacionados “à prática feminina do trato com ervas e do atendimento aos partos” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 22) como algo ameaçador à supremacia masculina e consolidável da medicina.





# Revista Decifrar

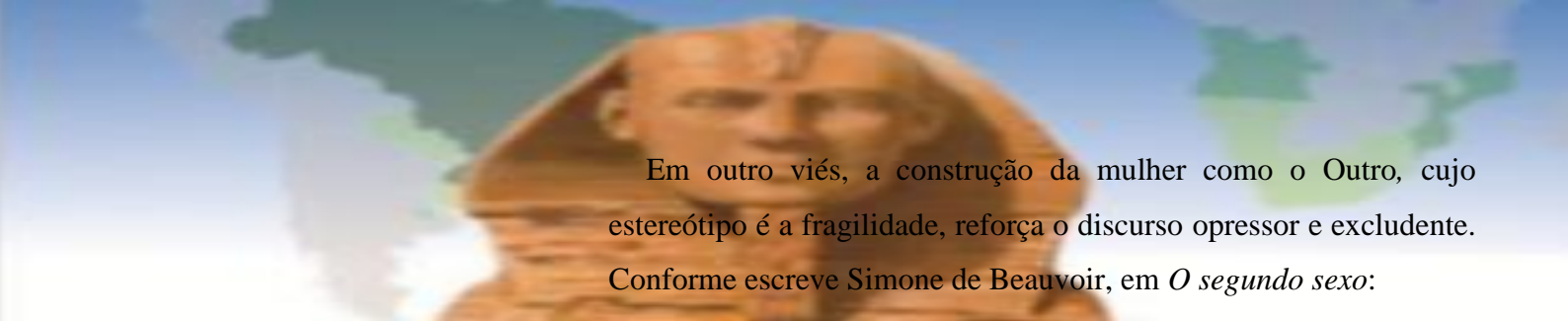
vol. 4, nº 8

De outro modo, essas mulheres queimadas na fogueira por terem realizado “algo danoso” à visão dos homens na concepção religiosa, não se diferenciavam das outras. O malefício encontra-se na forma de ser mulher: “Se hoje queimamos as bruxas, é por causa de seu sexo feminino” (SPRENGER *apud* ALVES; PITANGUY, 1985, p. 24) e para citar ainda: “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez, em meio a dores darás a luz filhos, o teu desejo será para o teu marido e ele te governará” (Gênesis, 3, 16). Sprenger, inquisidor da Idade Média, deixa isso muito evidente na assertiva anterior. Ser mulher bastaria, sua “natureza feminina” a definira no viés cristão com a sua herança naquela que foi a motivadora da maldição dada diretamente por Deus.

Tendo como base tais assertivas sobre o imaginário da mulher, entende-se que o discurso religioso é um forte propagador para que se gerem estereótipos que perpassam a história e persiste. A figura da mulher frágil, mantenedora de uma perpetuada tradição cristã no Ocidente faz-se, mas sobre ela também se produz novas formas de pensar a identidade feminina durante as épocas. Mais precisamente delimitada ao século XX, esta pesquisa pondera movimentos importantes no que se refere a repensar a trajetória feminina e seus artifícios de resistência nas ciências humanas através do feminismo e da consciência ao longo da história do silêncio da mulher:

Os estudos feministas propõem uma redefinição dos processos de subjetividade, uma crítica ao conceito de identidade, assim como ao conceito da própria racionalidade no mundo contemporâneo, que se volta para o passado a fim de se reencontrar, devidamente relativizada, no presente (DIAS, 1994, p. 374).

A citação de Maria Odila ressalta o modo como a perspectiva feminista reitera a compreensão do passado, ou de uma história sempre secundarizada, na qual a mulher viu-se sob a imagem masculina. O retorno, para entender seu movimento, abre possibilidades de novos olhares sobre si, de análise da dominação masculina, e, sobretudo, a resistir aos modelos instituídos nesta rede de poder em que homens e mulheres baseiam-se.



Em outro viés, a construção da mulher como o Outro, cujo estereótipo é a fragilidade, reforça o discurso opressor e excludente. Conforme escreve Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*:

O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. (BEAUVOIR, 1970, p. 15)

# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Simone de Beauvoir explicita algumas considerações primeiras de crucial importância nesta pesquisa. Escrito sob a realidade das decorrências do pós-guerra na Europa, o livro *O segundo sexo* polemiza as condições e especificidades da mulher desde o processo em que o homem assume o poder de modo hierárquico, passando pelas visões estereotipadas da psicanálise, do materialismo histórico e da cultura massiva de dominação masculina.

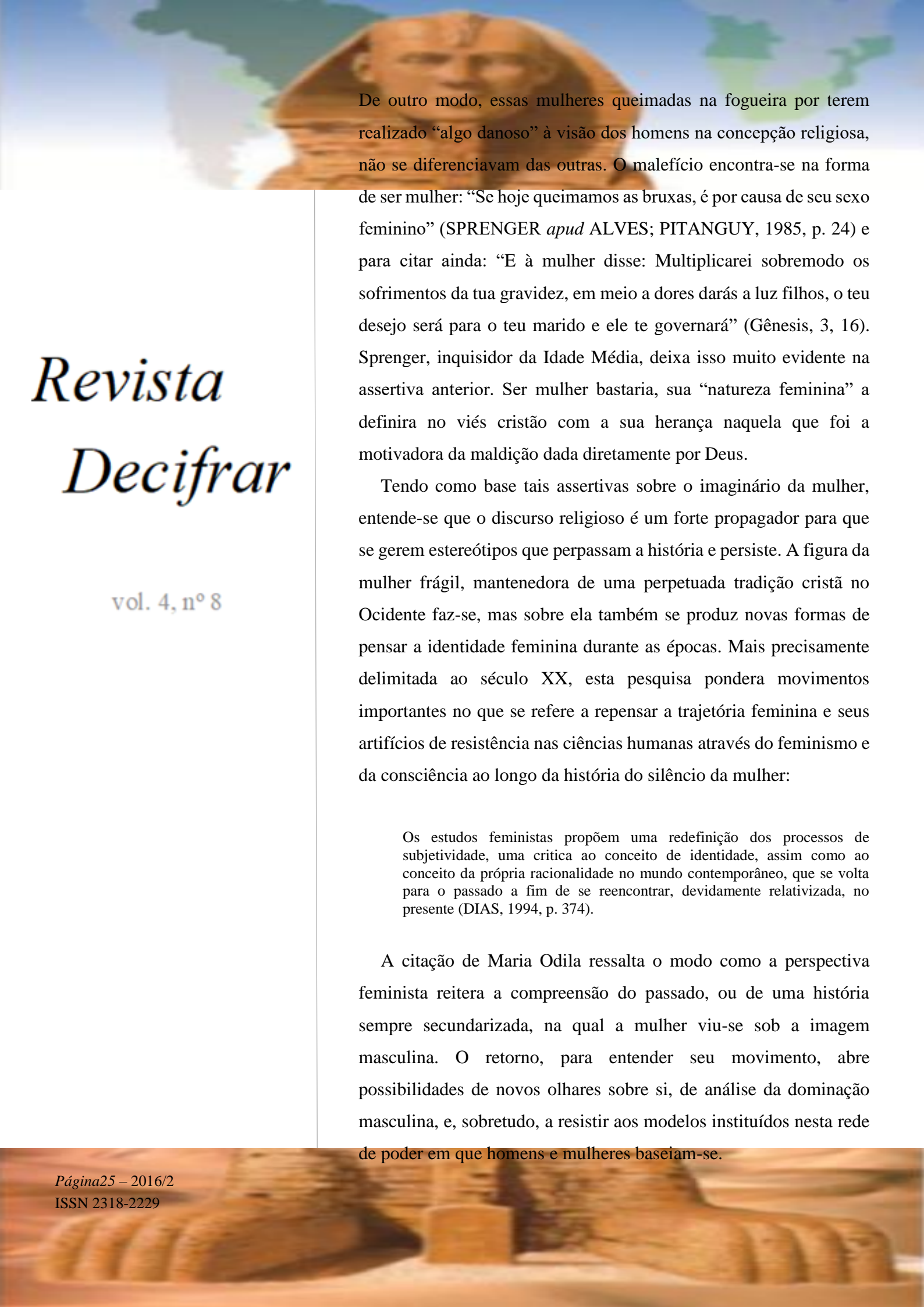
Algumas dessas considerações teóricas feministas servem para que se pense a condição enquanto sujeito mulher diante de toda uma realidade na qual o seu apagamento fez-se muito fortemente, mas também para demonstrar as forças no estudo das ciências humanas sobre métodos de *empoderamento*<sup>4</sup> e a constante busca pelas formas de identidades pautadas na experiência da mulher em um sistema patriarcal intenso. A literatura, e mais especificamente a poesia, foca-se como um desses agentes que trazem à tona a temática feminista na forma com que a arte chega a ser um artifício de experimentação do mundo e modificação do mesmo. Empenha-se nesse ponto de vista a presente pesquisa.

## **TRAÇOS DO CORPO: ASPECTOS DA POESIA DE LUIZA NETO JORGE**

---

<sup>4</sup> “O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero”. (SARDENBERG, 2006, p.1)





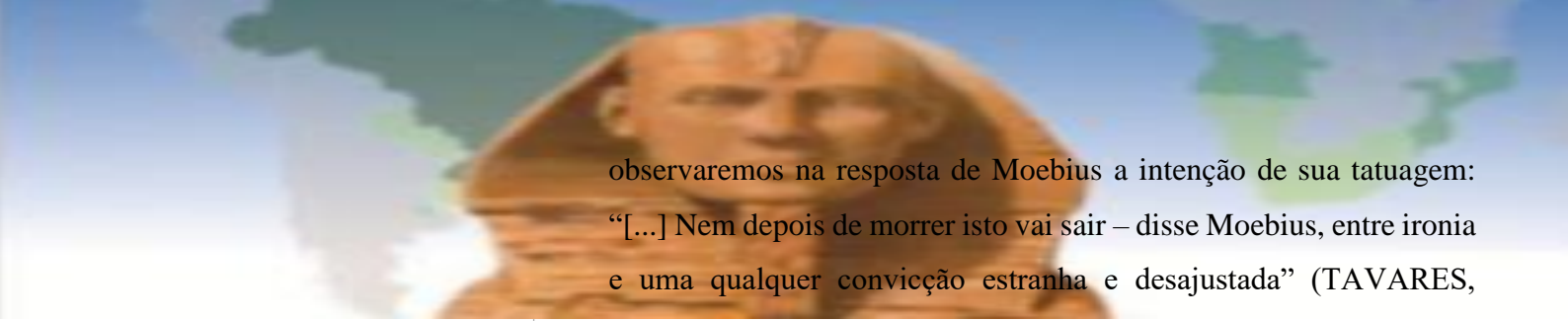
# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Este tópico propõe um enfoque naquilo que é essencial na abrangência desta pesquisa. O corpo é um tema muito ressaltado na poesia de Luiza, e daí o motivo principal, neste trabalho, de salientá-lo como um agente transcorrido por atuantes históricos e sociais, diante de um lugar politicamente regulado, sob a hierarquia de gênero, tendo como parâmetro a imagem do corpo masculino; de outro lado, o caráter resistente da mulher às formas de dominação. Para citar Luiza: “Sendo com o seu ouro, aurífero, / o corpo é insurrecto. / Consume-se, combustível, no sexo, boca e recto” (JORGE, 2001, p. 79). “O corpo é insurrecto”, seu ouro, na simbologia tradicional apresenta-se “como o mais precioso dos metais, o ouro é o metal da perfeição” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 669), delimitando-se, aqui, essa perfeição ao conhecimento, da liberdade de usá-lo. O corpo é aurífero, produz ouro, o conhecimento daquilo que ele é, mas, de outra forma, o corpo “consume-se”, destruído pelo fogo, pelo sexo, a fronteira que encarcera e invisibiliza a mulher.

Complementa-se um pouco mais essa ideia naquilo que a filósofa contemporânea Judith Butler (2015) comenta sobre o corpo não se limitar enquanto ser, mas como um elemento regulado politicamente dentro de um campo cultural relacionado à divisão dos gêneros, mas também à “heterossexualidade compulsória”. Nessa perspectiva, o corpo atrela-se às questões de gênero e à sexualidade, ao mesmo tempo em que se aparelha à resistência e à transgressão, por ser um corpo feminino histórico, social, cultural e discursivamente construído.

Delimitado os *corpos*, busca-se refletir sobre o olhar que este presente artigo pretende trazer. O modo como se pensa o corpo em Luiza associa-se, em um primeiro momento ao corpo da mulher, aquilo que Michel Foucault (1999) explana através das relações de poder descentralizadas que perpassam os corpos, sejam eles subjetivos ou sociais, difundindo uma sociedade de controle e disciplinar. Não se pretende, ainda, desenvolver a ideia acerca da teoria do corpo, mas demonstrar brevemente o modo como “o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

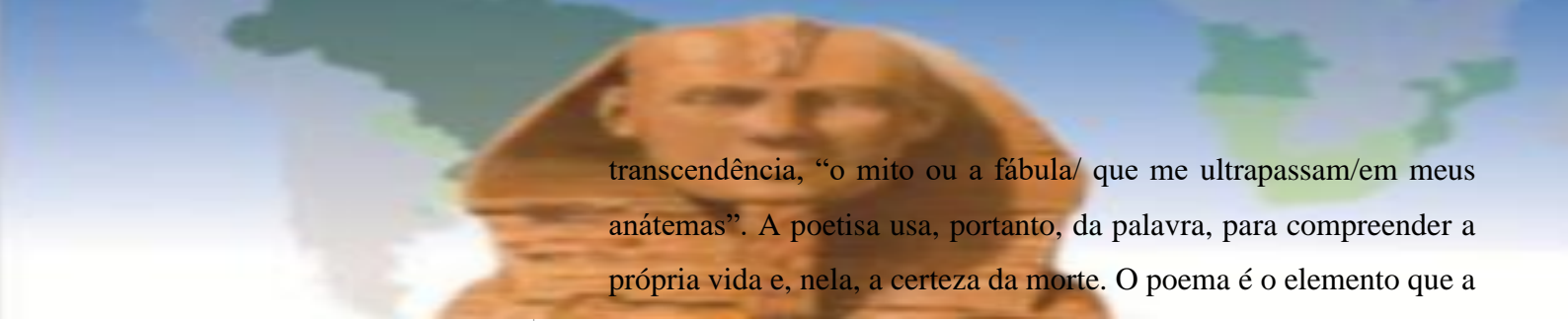
arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento do domínio de suas habilidades” (FOUCAULT, 1999, p. 119), como também os corpos tornam-se, de forma contrária, elementos de resistência.

É esse o viés que se pretende entender sobre a poética do corpo na poetisa, pois se o corpo é insurrecto, torna-se ele um agente consciente e transformador, e no sentido mais delimitado dessa respectiva pesquisa, um corpo da mulher que resiste às formas autoritárias, repensando possibilidades tais como Maria Odila da Silva salienta: “outras interpretações de identidades femininas somente virão à luz na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem gradativamente documentadas” (DIAS, 1994, p. 374). Conhecer, para transgredir.

O aspecto feminista presente em alguns versos da poetisa é marcado por um tom forte de liberdade na palavra dada à figura feminina. Nesse contexto histórico, já mencionado, a poesia é um elemento de combate a modelos impostos à mulher pela ditadura salazarista, na qual evidencia na família e na figura da mulher o arquétipo da moral portuguesa, a “essencialidade portuguesa” (ROSAS, 2001, p. 4), completando às palavras Anne Cova e António Pinto, no artigo “O salazarismo e as mulheres – uma abordagem comparativa”: “A mulher foi concebida para ser mãe, foi a ‘natureza’ que assim decidiu. O Salazarismo acrescentou que deve ser uma mãe devota à pátria e ocupar-se do ‘governo doméstico’ (COVA; PINTO, 1997, p. 72). Pressupõe-se uma sociedade portuguesa patriarcal dentro das estruturas de poder disseminadas pelo Estado Novo, mas não originada nele.

Nessa mesma sociedade, o que havia era um papel muito bem delimitado definido a homens e mulheres, fundamentado pela ditadura através da “diferença natural dos sexos” (COVA; PINTO, 1997, p. 72), sobretudo distinto, mas semelhante no gerenciamento da família e dos bons costumes.

Relacionando ao corpo da mulher, o corpo do poema, em Luiza, essas duas instâncias tocam-se e delineiam uma poética da resistência, aqui discorrida através de algumas ideias de poetas e de



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

poetisas portuguesas, em *Resposta ao inquérito poesia e resistência*, a respeito do conceito de resistência. Resistir a uma soma de coisas, que aqui é preciso delimitar a abrangência da palavra. A ação de resistir não necessariamente a uma tirania, mas a todo um fio de poder difundido sobre o aspecto da figura da mulher, de um lado; de outro: “uma resistência a qualquer ortodoxia cultural que pretenda colocá-la num pedestal ou enquadrá-la num sistema de valores inócuo ou predefinido, segundo certas regras consideradas aceitáveis ou próprias da «boa poesia»” (PINTO, 2012). A poesia e seu elemento de resistência e de evocação de outro mundo, pela / na palavra, como fora dito por Rosa Maria Martelo.

Complementado às palavras a Gastão Cruz, poeta da geração de Luiza Neto Jorge, salienta muito bem sua perspectiva sobre o conceito de resistência:

A questão fundamental reside, talvez, em determinar se a expressão da resistência à opressão imposta pela ditadura se sobrepõe ou não à valorização da palavra poética, ou seja, se a poesia se transforma numa mera arma verbal, perdendo a sua especificidade artística, ou se o poeta consegue conciliar a necessidade de tematizar o protesto e a revolta com as exigências de uma linguagem que não abdique da sua força inventiva como arte. (CRUZ, 2012)

O poeta toca no modo como se tenta delinear a perspectiva desta pesquisa: em que sentido a palavra usa-se enquanto elemento de resistência para constatar um tempo autoritário, patriarcal e estigmatizado pela religião e pelo enraizado nacionalismo português? A poesia conseguiria tal proeza? O forte tema social entre os poetas e as poetisas de Poesia 61, mas também Sophia de Mello e Ruy Belo, por exemplo, na década de 60, pressupõe de forma evidente: “a atitude de protesto e de denúncia da opressão só se justifica, poeticamente, se mantiver uma aliança consistente com os valores próprios da poesia: densidade verbal, peso da palavra, capacidade de surpreender” (CRUZ, 2012). Essa consciência da palavra, manifesta em Luiza, conduz a poesia a resistir diante das opressões, dos conservadorismos, dogmas, e de tantas formas autoritaristas presentes na vida.



## CRITICISMO LITERÁRIO FEMINISTA: EM BUSCA DE UMA EXPRESSÃO

Ao propor a análise crítica do poema, este artigo fundamenta-se na ideia daquilo que se pode chamar de criticismo literário feminista, na concepção de Donna Perry, em “A canção de Procne: A tarefa do criticismo literário feminista”, para desenvolver o olhar minucioso à literatura, mas também a forma não científica “distante, autoritária, cheia de juízos, objetiva” (PERRY, 1997, p. 315) de análise. Determinando outra abordagem, o criticismo ansiava “uma forma mais subjetiva e empática, que lhe permitisse escrever numa linguagem mais pessoal” (PERRY, 1997, p. 315). Posicionar-se enquanto sujeito mulher e crítica feminista fundamenta-se como uma forma política engajada. É nessa perspectiva que se pretende observar o poema. Sem peso, e, sim, empenhado na conjuntura de um mundo outro.

Como uma posição política, o criticismo literário “abrange uma ampla variedade de ideias” (PERRY, 1997, p. 316) no que concerne à vivência diferente de cada crítica literária daquilo que vive um homem, na hegemonia literária. A necessidade de pensar um campo de estudo que dê um enfoque à expressão feminina é importante para o empenho de também modificar e contrapor a ideologia patriarcal.

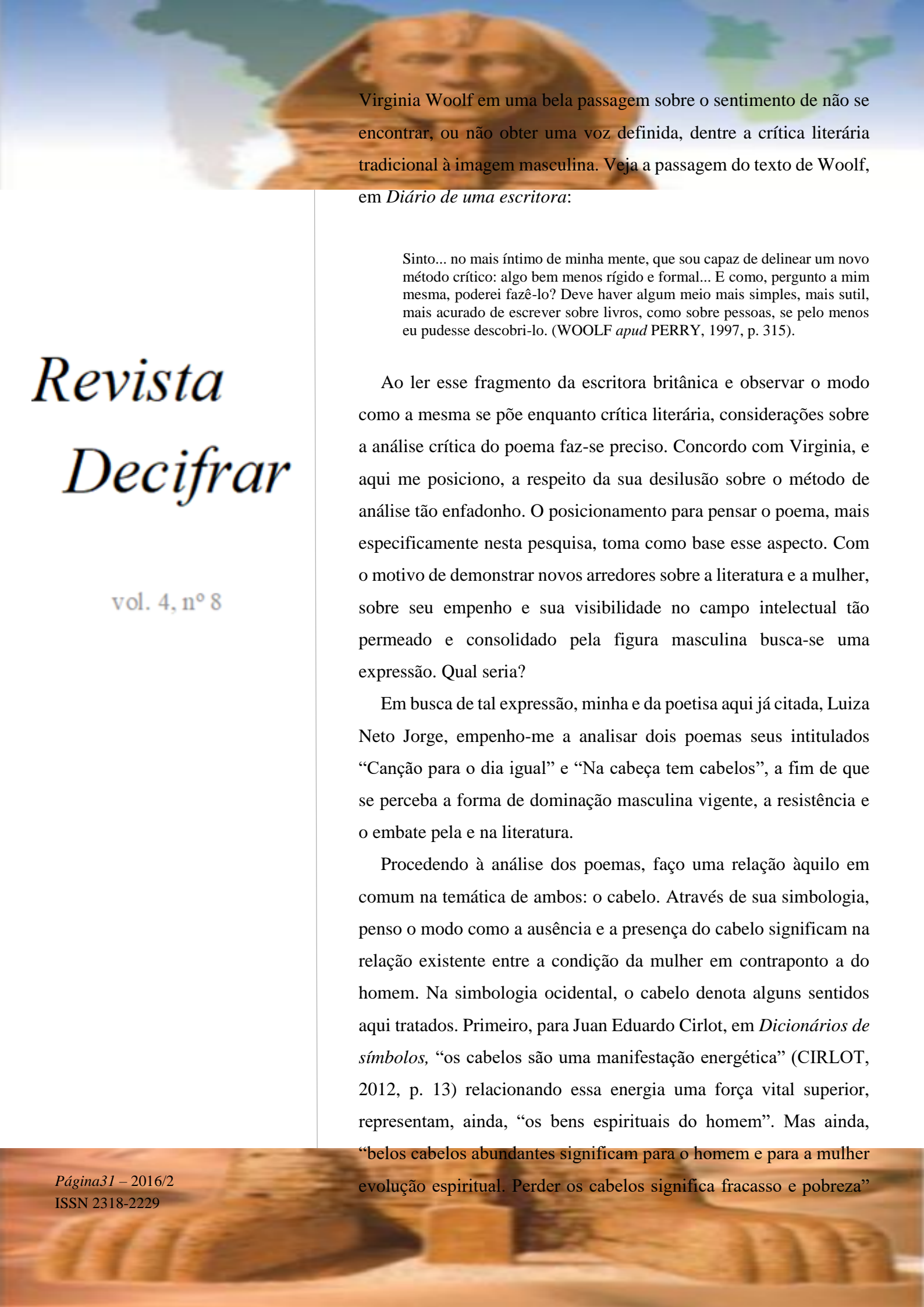
Ler e analisar um texto literário é um processo “pessoal e político (PERRY, 1997, p. 322), tarefa que demanda uma íntima relação entre a experiência da mulher que escreve a literatura e a experiência da crítica a valorá-la. Perry chama a isso de *recurso* intelectual, ou seja, a subjetividade como prática para a análise literária:

A questão não é meramente interpretar a literatura de várias maneiras; a questão é *modificar o mundo*. Não podemos nos permitir ignorar a atividade de ler, pois é aqui que a literatura é realizada como práxis. A literatura age no mundo agindo sobre seus leitores. (SCHWEICKART *apud* PERRY, 1997, p. 322)

Essa afinidade entre a vida das mulheres e aquilo que escrevem reitera outro modo de se posicionar sobre a crítica literária: uma prática entre o olhar da escrita crítica e o da escrita literária propriamente definida em uma abordagem feminista. Perry cita

# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8


Virginia Woolf em uma bela passagem sobre o sentimento de não se encontrar, ou não obter uma voz definida, dentre a crítica literária tradicional à imagem masculina. Veja a passagem do texto de Woolf, em *Diário de uma escritora*:

Sinto... no mais íntimo de minha mente, que sou capaz de delinear um novo método crítico: algo bem menos rígido e formal... E como, pergunto a mim mesma, poderei fazê-lo? Deve haver algum meio mais simples, mais sutil, mais acurado de escrever sobre livros, como sobre pessoas, se pelo menos eu pudesse descobri-lo. (WOOLF *apud* PERRY, 1997, p. 315).

Ao ler esse fragmento da escritora britânica e observar o modo como a mesma se põe enquanto crítica literária, considerações sobre a análise crítica do poema faz-se preciso. Concordo com Virginia, e aqui me posiciono, a respeito da sua desilusão sobre o método de análise tão enfadonho. O posicionamento para pensar o poema, mais especificamente nesta pesquisa, toma como base esse aspecto. Com o motivo de demonstrar novos arredores sobre a literatura e a mulher, sobre seu empenho e sua visibilidade no campo intelectual tão permeado e consolidado pela figura masculina busca-se uma expressão. Qual seria?

Em busca de tal expressão, minha e da poetisa aqui já citada, Luiza Neto Jorge, empenho-me a analisar dois poemas seus intitulados “Canção para o dia igual” e “Na cabeça tem cabelos”, a fim de que se perceba a forma de dominação masculina vigente, a resistência e o embate pela e na literatura.

Procedendo à análise dos poemas, faço uma relação àquilo em comum na temática de ambos: o cabelo. Através de sua simbologia, penso o modo como a ausência e a presença do cabelo significam na relação existente entre a condição da mulher em contraponto a do homem. Na simbologia ocidental, o cabelo denota alguns sentidos aqui tratados. Primeiro, para Juan Eduardo Cirlot, em *Dicionários de símbolos*, “os cabelos são uma manifestação energética” (CIRLOT, 2012, p. 13) relacionando essa energia uma força vital superior, representam, ainda, “os bens espirituais do homem”. Mas ainda, “belos cabelos abundantes significam para o homem e para a mulher evolução espiritual. Perder os cabelos significa fracasso e pobreza”



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

(PHALDOR *apud* CIRLOT, 2012, p. 131). Essa assertiva se torna essencial para observar posteriormente a análise do poema.

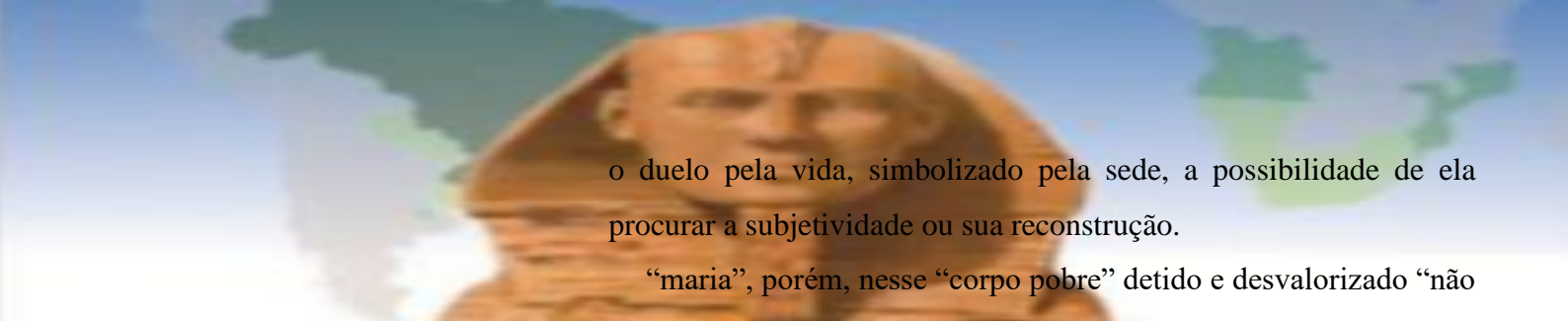
No também *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, há algumas outras explanações sobre a simbologia do cabelo. Dentre elas, novamente a força, mas o conceito de força “traz consigo, forçosamente, os de alma e de destino” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 156), ou aquilo que fora dito nos tópicos iniciais a respeito da alma em elevação ao corpo. A força (masculino) alinha-se, então, à concepção de alma (masculino) em detrimento do corpo (feminino) e sua perda de força.

Através de toda temática suscitada anteriormente nos tópicos sobre feminismo e o corpo como elemento “insurrecto”, perpassado também pelas situações históricas já mencionadas, bem como a demonstração da simbologia do cabelo no mundo ocidental, lê-se o seguinte poema “Canção para o dia igual”:

maria pobre de corpo  
não tem mãos  
ainda agora nasceu  
não tem mãos  
maria pobre de corpo  
não tem cabelos  
viajam no vento as tranças  
com selos de nostalgia  
maria pobre de corpo  
entorna os braços pelo dia  
longo ritmo de sede  
e vida maria  
(JORGE, 2001, p. 29)

Nesse poema, o corpo apresenta-se na pobreza de ser mulher, “não tem mãos”, estando assim sem nada para pegar, para lutar, para criar, para se pensar enquanto sujeito mulher. O nome “maria” com “m” minúsculo reitera a condição de sua pequena mobilidade no mundo, de como é árdua a experiência desse Outro em contrapartida ao masculino, o Absoluto, na concepção de Beauvoir. Mas maria “entorna os braços pelo dia” e tem já em si um “longo ritmo de sede / e vida maria”. Nessas duas últimas estrofes do poema encontra-se o seu ápice, de forma que, apesar da figura de “maria” se mostrar pobre e desvalidada nas adversidades de sua vida, é possível que ela inicie





o duelo pela vida, simbolizado pela sede, a possibilidade de ela procurar a subjetividade ou sua reconstrução.

“maria”, porém, nesse “corpo pobre” detido e desvalorizado “não tem cabelos”. Retomando a ideia da simbologia do cabelo, esse poema demonstra a força inativa permeada pelo corpo feminino. Mas também as forças terrenas e relacionadas ao corpo muito mais do que à alma: a força ativa. De outra forma, o poema “Na cabeça tem cabelos” é referente em seu título e mostra exatamente o contrário:

# *Revista Decifrar*

vol. 4, nº 8

Na cabeça tem cabelos  
e raízes de cabelo  
na loucura  
ávido na página do sexo  
espécie de fome  
enquanto homem  
enquanto corpo vestido  
seca descora ao sol  
ampara o vento  
levantando o braço  
com a mão reúne  
os segredos tempo  
(JORGE, 2001, p. 61)

“Na cabeça tem cabelos” é o verso que abre o poema, e nele aquilo que no anterior não havia. O cabelo denota logo a princípio a vitalidade do masculino, mas nada que o defina como masculino senão no segundo parágrafo. Há, ainda, a avidez do sexo, “enquanto homem”, a intensidade com que a força masculina fomenta-se no estereótipo viril. É um poema sugestivo, e esse ser só é definido no segundo parágrafo e não mais, daí a construção simbólica do cabelo. Outro ponto essencial é o “corpo vestido”. Se “maria” era “pobre de corpo”, o “corpo vestido” reitera a superioridade com que se estabelece através do braço que levanta e a mão que “reúne / os segredos do tempo”. Braço e mão como membros que segundo Cirlot (2012) simbolizam a ação, e levantados “o símbolo da voz e do canto” (CIRLOT, 2012, p. 371). A voz, decerto, propagada como aquela que fala e tem poder para isso, já que como “corpo vestido” imponente e hierárquico nas relações de poder instituídas sobre a mulher, confirma no corpo da palavra a dominação masculina.



## CONCLUSÃO

Ao falar sobre o corpo humano, e mais precisamente, o corpo da mulher, reflete-se sua história na humanidade, na qual as concepções do corpo feminino referem-se às relações sociais, às relações culturais, e às relações de poder construídos através do olhar masculino. O corpo torna-se um elemento insurrecto, embora massificado pela realidade patriarcal disseminada durante o século XX envolto à ditadura. Porém, nesse jogo de vir a ser insurgente, a consciência de sabê-lo reprimido, ou mesmo *dócil*, segundo Foucault (1999), revela à condição da mulher uma forma de embate.

Na poesia de Luiza Neto Jorge, aqui discutida, o corpo é um dos pontos principais de resistir não somente à história ditatorial de Portugal nos anos 60, mas junto à escrita, a uma forma de empoderamento, sobretudo às palavras da poetisa no poema “Sitio lido IV”: “Palavra é o que lembro / ou o que meço?” (JORGE, 2001, p.164). “Palavra”, vocábulo central desses dois versos, interligando-os, é aquilo que se mede ou lembra? Todavia, o poema finaliza-se nesse questionamento. Cita-se a parte V do mesmo poema, para complementar os versos anteriores: “A morada é nesta confluência / do que digo e aquilo que farei / depois e antes de não saber falar” (JORGE, 2001, p. 165). Daí o valor da palavra, do então poema, enquanto forma indissociável daquilo que se experiencia em formas corpóreas na busca por espaços de liberdade que a mulher ainda desconhece.


A intensidade característica nos versos da poetisa, em que “ergo a minha arte do poço / onde flutua” (JORGE, 2001, p. 135), dá forma a uma corporificada poesia que longe de ser estritamente metalinguagem, estritamente contextual, relaciona esses dois modos através do empenho e luta contra quaisquer tirarias sobre a mulher, e decerto, sobre o poema em sua criação confinada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



# Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – fatos e mitos**. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade**. 8ª ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 26ª ed. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CHIARA, Ana Cristina. **Deitar com Luiza Neto Jorge**. In: ALVES, Ida Um corpo inenarrável e outras vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea. Niterói: Editora Eduff, 2010.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2012.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O Salazarismo e as Mulheres: Uma abordagem comparativa. Revista Penélope: Gênero, Discurso e Guerra, nº 17. Lisboa, Portugal, 1997.

CRUZ, Gastão. Resposta ao Inquérito Poesia e Resistência (Portugal). Disponível em: <<http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/>>. Acesso em: 25 de jul. 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica da diferença. Revista Estudos Feministas, v.2, n.2, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20ª ed. Tradução Raquel Ramalhte. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

JORGE. Luiza Neto. **Poesia (1960 -1989)**, organização e prefácio de Fernando Cabral Martins, 2ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

MARTELO. Rosa Maria. Um jogo de relâmpagos. In: MARTINS, Floriano (Org.). **Corpo insurrecto e outros poemas**. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

PERRY, Donna. A canção de Procne: A tarefa do criticismo literário feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

PINTO, Diego Vaz. Resposta ao Inquérito Poesia e Resistência (Portugal). Disponível em: <<http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/>>. Acesso em: 25 de jul. 2016.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. Revista Análise social, Lisboa, v. XXXV, nº 157, 2001.

SARDENBERG. Cecília Maria. Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO, 2006, Bahia.